



***A REPRESENTATIVIDADE DA LITERATURA LGBTQIA+ NAS VIDAS
DE JOVENS LEITORES UNIVERSITÁRIOS***

***LA REPRESENTATIVIDAD DE LA LITERATURA LGBTQIA+ EN LA
VIDA DE LOS JÓVENES LECTORES UNIVERSITARIOS***

***THE REPRESENTATIVENESS OF LGBTQIA+ LITERATURE IN THE
LIVES OF YOUNG UNIVERSITY READERS***

Ádria Caroene Queiroz Sabbá¹

Gisele Cristina Resende²

RESUMO

As subjetividades e as sexualidades humanas são construídas nas relações sociais e nos processos psicossociais. Nesses processos, a literatura pode ter um papel importante, pois enquanto um artefato cultural, pode repercutir na vida dos leitores, quando estes encontram um significado que se entrelaça com suas vivências, em processos de identificação de si e sua sexualidade. Este estudo buscou entender a representatividade da literatura voltada para o público LGBTQIA+ nas vidas de jovens leitores universitários. O delineamento metodológico foi qualitativo, com entrevistas narrativas semi-estruturadas realizadas com três estudantes. As Análises Temáticas resultaram em três categorias, Importância da literatura para o fortalecimento da identidade, Literatura enquanto recurso de acolhimento na universidade e Saúde mental no público leitor LGBTQIA+. Concluiu-se que a literatura favorecer a compreensão de sua própria identidade, pode ser um recurso de conhecimento, acolhimento e reconhecimento da diferença e da diversidade e que pode ser usado para promover saúde mental.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Universitários. Público LGBTQIA+.

RESUMEN

Las subjetividades y sexualidades humanas se construyen en las relaciones sociales y en los procesos psicossociales. La literatura puede desempeñar un papel importante en estos procesos porque, como artefacto cultural, puede tener un impacto en la vida de los lectores cuando encuentran un significado que se entrelaza con sus experiencias, en procesos de identificación de sí mismos y de su sexualidad. Este estudio buscó comprender la

¹ Graduanda em Psicologia. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil.

² Doutorado e Pós-doutorado em Psicologia. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil.

representatividade de la literatura dirigida al público LGBTQIA+ en la vida de jóvenes lectores universitarios. El diseño metodológico fue cualitativo, con entrevistas narrativas semiestructuradas realizadas a tres estudiantes. Los análisis temáticos dieron como resultado tres categorías: la importancia de la literatura para reforzar la identidad, la literatura como recurso de acogida en la universidad y la salud mental entre los lectores LGBTQIA+. Se concluyó que la literatura favorece la comprensión de la propia identidad, puede ser un recurso para el conocimiento, la aceptación y el reconocimiento de la diferencia y la diversidad, y puede utilizarse para promover la salud mental.

PALABRAS-CLAVE: Literatura. Universidad. Público LGBTQIA+.

ABSTRACT

Human subjectivities and sexualities are constructed in social relationships and psychosocial processes. Literature can play an important role in these processes because, as a cultural artefact, it can have an impact on readers' lives when they find meaning that is intertwined with their experiences, in processes of identifying themselves and their sexuality. This study sought to understand the representativeness of literature aimed at LGBTQIA+ audiences in the lives of young university readers. The methodological design was qualitative, with semi-structured narrative interviews conducted with three students. The thematic analyses resulted in three categories: the importance of literature for strengthening identity, literature as a resource for welcoming people to university and mental health among LGBTQIA+ readers. It was concluded that literature favours the understanding of one's own identity, can be a resource for knowledge, acceptance and recognition of difference and diversity, and can be used to promote mental health.

KEYWORDS: Literature. University. LGBTQIA+ audience.

* * *

Introdução

As subjetividades são derivadas das interações humanas e mediadas pelos processos sociais e psicossociais, essa interação constitui o psiquismo humano. De acordo com Marcelo Gustavo Aguilar Calegare (2021, p. 28) “não existe ser humano que constitua sua interioridade sem a existência e relação com um outro, interno e externo simultaneamente. Somos paradoxalmente um representante único e legítimo – uma peça única – em uma coletividade que nos iguala enquanto humanos”. Essa constituição humana e psicossocial também ocorre por meio da mediação da literatura e das vivências grupais.

Os processos psicossociais perpassam pelas interações humanas e materiais, mediadas pela cultura e seus artefatos, reconhecer e estudar os aspectos psicossociais e culturais pode contribuir para o avanço das ciências humanas, renovando suas perspectivas e reflexões. A Psicologia, uma das áreas das ciências humanas, por meio da relação sujeito-cultura-história propõe-se a estudar os processos de significação

existentes entre as histórias individuais e a história social. Esses processos constituem a identidade humana.

A identidade é um processo que integra o desenvolvimento humano e se forma por meio da interação sujeito-cultura e dos processos psicossociais. Ela pode ser definida como um posicionamento subjetivo do ser humano diante da realidade histórica, social e cultural, no qual há um sentimento de pertencimento, que expressa conteúdos simbólicos e afetivos (Cândida Beatriz Alves; Regina Lúcia Sucupira Pedroza, 2016).

Os conteúdos simbólicos e afetivos são as expressões da identidade humana, entretanto, as pessoas LGBTQIA+ muitas vezes não podem expressar sua subjetividade e identidade em razão do preconceito social e de padrões cisheteronormativos, de modo que são aniquiladas e violentadas de diversas formas. As violências são respaldadas pelo posicionamento de que a heterossexualidade é a única forma possível de manifestação do desejo, afeto, carinho e organização familiar e a cisgeneridade a única possibilidade de regulação de gênero e corpo (CFP, 2019).

Essas violências acarretam em sentimentos de não pertencimento, de negação de si e de sua identidade e subjetividade, e entre os vários aspectos que integram a identidade humana, está a sexualidade, que muitas vezes, precisa ser negada. De acordo com Judith Butler (2003) gênero e a sexualidade não são processos naturais, eles são construções sociais e subjetivas.

Enquanto construções podem ser pensados como processuais e pertencentes ao desenvolvimento humano, sem negar os aspectos biológicos, mas defendendo que a biologia não deveria definir os papéis sociais e os locais em que as pessoas têm na sociedade, e tampouco, definir preconceitos, como propõe os estudos de gênero e os estudos culturais.

Diante deste processo de constituição da sexualidade e da identidade, o sentimento de pertencimento é fundamental para a autoestima e para a expressão de si. Expressar a si mesmo é uma necessidade humana e pode ser feito por meio dos conteúdos artísticos, verbais e escritos. Os conteúdos expressam todo o simbolismo e afeto, sendo importante para a conexão entre a realidade interna e externa. E os artefatos culturais, como os livros e a literatura, podem ser os mediadores e produzirem processos de identificação.

Com base nos estudos de gênero e cultura, a literatura também é mediadora dos processos psicossociais, pois a literatura expressa a construção social. De acordo com Caroline Amaral Amaral (2017) os livros trazem representações que abordam os leitores a questionarem conceitos e definições sociais sobre diversos temas, entre eles, a

sexualidade, são artefatos culturais, mediadores de realidades objetivas e subjetivas. No processo de leitura, podem existir questionamentos e identificação, o que pode ajudar as crianças e jovens a se tornarem mais críticos sobre aspectos sociais e reflexivos acerca de preconceitos.

A literatura forma pessoas e pensadores, não somente leitores. Tereza Colomer, (2005), apresenta que desde os fins da década de 1970, a literatura infantil e juvenil inovou-se para adequar-se às características de seu público atual, isto é, deixar os leitores integrados à realidade social, pois notou-se que há interesses por múltiplos assuntos e que buscam textos que reflitam sobre as mudanças sociológicas, como a descrição do mundo, de seus valores sociais e culturais.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (Fanny Abramovich, 1997, p. 17).

Entretanto, Malta, Flexor e Costa (2020) pontuam que diversas ações de censura ao livro e à literatura foram empreendidas no decorrer da história mundial e fazem parte de uma conjuntura mais ampla, permeada por elementos que fortalecem o tolhimento e a limitação à leitura e ao saber, assim como o encorajamento à hostilidade, repressão e discriminação - principalmente direcionadas às minorias sociais, mesmo com a inovação de temáticas que se alinham com a realidade social.

Renata Barreto Malta; Carina Luisa Ochi Flexor; Aianne Amado Nunes Costa, (2020) corroboram apresentando que a censura para a literatura LGBTQIA+ tem sido reforçada por visões conservadoras, de concepções binárias e heteronormativas sobre sexualidade e combater o preconceito, requer senso crítico para romper padrões cristalizados na sociedade.

A criticidade se constrói por meio da reflexão, e as associações formadas entre a leitura de um livro e aspectos socioculturais, consiste em integrar conhecimentos e posicionar-se diante do mundo. O posicionamento é uma ação política diante da sociedade e pode ser um processo que produz identidade, isto é, conhecimento de si e percepção de pertencimento, com senso crítico e libertador de preconceitos.

Carolina Bonoto (2021, p. 2) defende que “a reprodução de discursos heteronormativos ao longo das décadas cristalizou, no imaginário coletivo, a existência de uma suposta lógica linear entre o sexo biológico, o gênero, a identidade e a orientação heterossexual dos afetos e dos desejos”.

A partir dessa forma de pensar, as diversas relações de poder existentes na vida em sociedade normalizam certas maneiras de se portar socialmente, enquanto marginaliza formas de comportamento que fujam dessa normatividade, incluindo as identidades sexuais e de gênero. Esse processo social busca a regulação das identidades dos indivíduos (Bonoto, 2021).

Neste aspecto, a literatura pode ser mediadora de subjetividades e construir significados e processos de identificação. Com o apoio da literatura LGBTQIA+, o jovem pode desenvolver sua subjetividade, identificar-se e refletir sobre sua sexualidade, tornando-se mais consciente sobre as diferenças em relação aos gêneros e a sexualidade, e deste modo, promover o respeito e combater o preconceito (Caroline Amaral Amaral, 2017; Hewertton Ferreira Verçosa, 2017). Assim, a discussão a respeito de possíveis impactos positivos da representatividade do público LGBTQIA+ nas mídias e produções culturais, como nos livros, deve ser de grande interesse para a psicologia.

A Psicologia, enquanto ciência e profissão, defende a dignidade humana e a diversidade, em suas áreas de atuação defende os direitos humanos das pessoas para que não haja preconceito e discriminação a nenhuma forma de viver. Ela reconhece as expressões da sexualidade de modo que: “(...) Os seres humanos de todas as orientações sexuais e identidades de gênero têm o direito de desfrutar plenamente de todos os direitos humanos” (Conselho Federal de Psicologia, 2011, p. 15).

Conforme determina a Resolução 001/99, do Conselho Federal de Psicologia - CFP-, é obrigação do psicólogo atuar segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade. Além disso, a supracitada resolução, em seu segundo artigo, defende que o profissional da Psicologia deve contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatização contra membros da comunidade LGBTQIA+.

Luciana Dadico (2015) também argumenta que a atenção do profissional da psicologia precisa se voltar esse público e valorizar a leitura enquanto um processo que contribui para a construção do sujeito, isto é, para processos de identidade e subjetivação. E a leitura inicia na infância e segue durante toda a trajetória escolar, até a universidade.

Trajetória de escolarização na universidade e a literatura LGBTQIA+

A trajetória de escolarização universitária também se constitui um processo de socialização e subjetivação, dado o tempo que dura um curso de ensino superior e os laços

sociais que se estabelecem ao longo deste período. Partindo desta perspectiva, é necessário analisar como a Universidade se estabelece enquanto um ambiente de relações humanas e sociais.

Ela pode se tornar um ambiente de acolhimento e aceitação da diversidade humanas e/ou um ambiente de perpetuação de dores ou de segurança, principalmente para as pessoas LGBTQIA+, essa característica dependerá de sua organização e de como as relações são estabelecidas, se há aceitação para padrões que não sejam heterocisnormativos e se há marcos legais que garantam os direitos humanos e a diversidade. A Constituição Federal do Brasil assegura a igualdade a todos sem distinção de qualquer natureza, considerando que todas as pessoas são dignas de respeito em suas individualidades, independente de crença, raça, gênero ou outros recortes que transcendam a sua existência política (Brasil, 1988).

A Universidade, como espaço de construção de conhecimento e ciência, deve, portanto, assumir a posição que assegure a igualdade, evitando o heterocisnormativismo, isto é, a concepção estática de homem e mulher biológicos, que desconsidere os componentes psíquicos e sociais, e que não legitima a diversidade, o que pode prejudicar a trajetória de escolarização na universidade de pessoas que não atendam a estes padrões.

O Brasil possui ainda padrões de heterocisnormatividade, ou seja, embasa os padrões de sexualidade com base na relação binária entre homem e mulher, com referência a padrão para a orientação de valores sociais, emocionais, sexuais e estéticos, as pessoas que não se adequam podem ser julgadas como inferiores, sofrer preconceitos (Maria Thereza Ávila Dantas Coelho; Liliana Lopes Pedral Sampaio, 2014) e adoecer.

No entanto, a Organização Mundial de Saúde, desde a década de 1990, defende os direitos sexuais e a vivência da sexualidade em suas diversas expressões, de modo que a universidade pode combater preconceitos e estigmas sofridos pela população LGBTQIA+. Gisele Cristina Resende, Isabel Cristina Fernandes Ferreira, Iolete Ribeiro da Silva e Silviane Barbato, (2022) verificaram que ao ingressar na universidade, o jovem encontra desafios para a sua permanência, como, à renda insuficiente para manutenção da vida e dos estudos, dificuldades decorrentes processos didáticos-pedagógicos e de processos da gestão institucional, além de, preconceitos em relação ao gênero e orientação sexual.

A partir deste panorama objetivo é entender a representatividade da literatura voltada para o público LGBTQIA+ nas vidas de jovens leitores e aspectos de saúde

mental na universidade e como a literatura contribui para o processo de identidade e subjetividade, e pertencimento social.

Procedimentos Metodológicos

O delineamento metodológico foi transversal e qualitativo (Cecília de Souza Minayo, 2014). Esta pesquisa integra o projeto PROCAD–Amazônia: “Os Significados das Trajetórias de Escolarização de Jovens Estudantes Amazônidas”, uma iniciativa de docentes e pesquisadoras de três universidades (Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Universidade Federal de Rondônia - UNIR e Universidade de Brasília - UnB), apoiadas pela CAPES no Edital PROCAD–Amazônia em 2018. E também integra uma proposta complementar aprovada pela FAPEAM (Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Amazonas) no Edital HUMANITAS – CT&I FAPEAM, com o título do projeto: “Itinerários e condições de desenvolvimento de jovens estudantes do ensino superior: desafios para a permanência”, dando continuidade aos estudos desenvolvidos no projeto PROCAD.

A proposta objetivou analisar como os estudantes Amazônidas representam suas trajetórias e experiências no ensino superior, isto é, os significados atribuídos às trajetórias de escolarização e das condições de acesso a partir de três recortes: (1) políticas educacionais; (2) comunidade de pertencimento: comunidades ribeirinhas, comunidades indígenas ou comunidades urbanas; (3) gênero.

Neste trabalho o recorte gênero e sexualidade foram escolhidos e a análise a partir da Psicologia e dos estudos em ciências sociais e humanas. De acordo com Iolete Ribeiro da Silva, Silvine Barbatto, Lilian Urnau, Marli Zibetti e Regina Pedroza (2018) consideram a psicologia como área de conhecimento das ciências humanas que pode subsidiar a construção de políticas educacionais inclusivas que levem em conta as dimensões socioculturais e o reconhecimento da cultura e modo de vida das comunidades tradicionais da Região Amazônica/Norte.

Participaram da pesquisa 3 estudantes universitárias (os) com idade entre 18 e 30 anos, de uma universidade pública da região norte do Brasil, que se enquadraram nos critérios de inclusão na pesquisa: estar regularmente matriculada (o) na universidade, independente do curso, aceitar participar da pesquisa e assinar o TCLE, consumir literatura LGBTQIA+ e fazer parte da comunidade LGBTQIA+.

Os(as) participantes foram três estudantes:

Flora - 23 anos, cursando a graduação em Psicologia, Mulher Cis Bissexual.

Sol - 24 anos, cursando a Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Serviço Social, Não-binária (mas usa os pronomes ele/dele).

Elis - 22 anos, cursando a graduação em Psicologia, Mulher Cis Bissexual.

Após o aceite dos estudantes e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que continha a autorização para a gravação do áudio, as entrevistas foram realizadas de modo virtual por webconferência gerado pela primeira autora.

A técnica utilizada foi de Entrevistas Narrativas Semi-estruturadas para a condução da construção dos dados. As entrevistas que buscaram compreender por meio da escuta, a narrativa do participante a partir de quatro questões iniciais, “Você tem o hábito de consumir literatura LGBTQIA+? O que a literatura com protagonismo LGBTQIA+ representa em sua vida? Como você enxerga o acolhimento do público LGBTQIA+ na UFAM? Você vê a literatura voltada para esse público como uma ferramenta que possa contribuir para este processo?” Os participantes puderam responder livremente e a pesquisadora foi interlocutora neste processo.

As narrativas são explicações das atividades humanas e são produzidas nas vivências do cotidiano a partir das identificações pessoais e sociais, nas interpretações de si, do outro e do mundo. Nas narrativas percebemos o interjogo entre o individual e coletivo e os sentidos são gerados, de modo contínuo e descontínuo (Barbato et al., 2020, p. 23). Elas produzem sentidos de si, isto é, escrevem e desenham as experiências vivenciadas no mundo. São os significados que fazem parte de uma construção histórica, coletiva e individual de cada pessoa, isto é, o sentido do ser, o sentido de si, e a linguagem faz essa mediação (Barbato *et al.*, 2020).

Após as entrevistas procedeu-se com as análises, iniciando-se pelas transcrições das entrevistas pela pesquisadora, as transcrições foram realizadas integralmente, isto é, respeitando-se a linguagem da pessoa entrevistada. Seguiu-se a partir dos resultados das transcrições com a Análise Temática de Virginia Braun e Victória Clarke (2006).

A Análise Temática é um método qualitativo para identificar e organizar sistematicamente informações sobre padrões de significados (temas) em um conjunto de dados, permitindo com que o pesquisador compreenda os significados e experiências das narrativas. Trata-se de um método que permite identificar o que é comum em uma narrativa e entender essas semelhanças em relação a um tópico particular (Braun; Clarke, 2006).

Luciana Karine de Souza (2019) propõe que o processo de Análise Temática começa quando o pesquisador procura, nos dados, por padrões de significados e questões

de possível interesse à pesquisa, durante a coleta de dados, na condução de entrevista. A etapa de análise envolve associar os trechos codificados à revisão de literatura e ao banco de dados. O processo termina com o relatório dos padrões (temas) nos dados e a discussão entre eles e a teoria que embasa o estudo.

O projeto foi aprovado pelo comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (CAEE 15366619.1.1001.5020) e integra o Projeto PROCAD “Trajetórias de Escolarização de Jovens Estudantes Amazônidas”. Foi desenvolvido com base nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, do Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12, e atenderá as exigências éticas e científicas fundamentais: Comitê de Ética e Pesquisa, TCLE, confidencialidade e a privacidade dos dados, além de encaminhamento para serviço de atendimento psicológico, caso houvesse constrangimento ou desconforto durante o desenvolvimento da pesquisa sentido pelos participantes, visando preservar a saúde e bem-estar dos mesmos.

Resultados e Discussão

As categorias analíticas elaboradas durante a Análise Temática foram três, sendo, (i) Importância da literatura para o fortalecimento da identidade, (ii) Literatura enquanto recurso de acolhimento na universidade, (iii) Saúde mental no público leitor LGBTQIA+.

Na primeira categoria, *Importância da literatura para o fortalecimento da identidade*. As narrativas demonstraram que a literatura pode ser facilitadora e mediadora para que a identidade de gênero e a sexualidade sejam expressas de modo que não ocasionam sofrimento, em especial, no momento da descoberta e construção de sua identidade (de gênero e sexual).

De acordo com Calegare (2021) os processos psicossociais e as subjetividades são construídos por meio da interação humana, isto é, pelos relacionamentos interpessoais que cada pessoa estabelece durante o seu desenvolvimento, para além das interações humanas, há também a interação com a cultura e com a sociedade que produzem significados e identificações (Alves; Pedroza, 2016).

A literatura promove processos de identificação, pois é um artefato cultura, e para os participantes da pesquisa, ela tem o potencial de favorecer a identificação com o gênero, a representação da sexualidade e o cotidiano juvenil. A seguir algumas narrativas:

“[...] as coisas que eu acho que eu mais valorizo quando eu leio um livro LGBT é o romance, porque a gente olha pra toda a história e a gente consegue ver alguns livros eles focam mais nessa questão da pessoa se descobrindo e dela tendo que lidar com preconceito [...] consegue ver ali um romance homoafetivo de uma forma natural, de uma forma delicada, de uma forma carinhosa, a gente consegue ver ali a construção do romance vindo de uma forma assim genuína, isso com certeza vai proporcionar uma confiança maior e um entendimento maior sobre ele mesmo e sobre como se colocar no mundo da maneira como ele é, sobre quem ele é.” (Participante 1 - Flora).

“Eu gosto de ler uma coisa que, só pra rir, sabe? Só pra ler, que nem esse aqui que é muito fofinho, porque tipo, é cotidiano escolar, tem isso em foco, lógico, da questão do bullying e tal, mas o foco não é isso, né? O foco é o cotidiano dela e o desenrolar durante esses três anos no médio delas juntas, né. [...] Então quando a gente vai vendo isso é bom pra esse quesito de que tipo, poxa, a representatividade não é, a nossa representatividade não é só na violência, mas é em outras formas” (Participante 2 - Sol).

“Acabou que, tipo, a literatura se tornou, tipo, uma amiga pra mim, sabe?” (Participante 3 - Elis)

Nestas narrativas viu-se que há processos de identificação com o cotidiano, com a diversidade e as possibilidades de vivência da sexualidade por meio da mediação que a literatura faz com o leitor. Verçosa (2017) aponta que houve o crescimento da visibilidade da comunidade LGBTQIA+ por meio da sua representação também na literatura infantojuvenil, que traz os conceitos de gênero e sexualidade, conforme foram propostos por Judith Butler, isto é, que gênero e sexualidade não são estáticos e que é um processo de construção.

Além disso, a literatura pode promover a inclusão e combater preconceitos quando demonstra outras possibilidades de existência humana. No artigo de Bonoto (2021) a função da mídia é a de apresentar possibilidades e promover processos de identidades. Em sua pesquisa apresentou a que jovens precisam desenvolver o sentimento de pertencimento para assumir a identidade de gênero e a sexualidade, e a mídia foi o local em que encontram suas primeiras referências de pessoas e experiências semelhantes.

Dadico (2015) analisou a experiência da leitura e constatou-se que os hábitos de leitura do brasileiro refletem a segmentação social e a desvalorização social da leitura de livros enquanto experiência. Por esse motivo, a literatura LGBTQIA+ pode ser um recurso de acolhimento, de descoberta da identidade e de pertencimento.

Valorizar a literatura LGBTQIA+ pode ser um modo de acolher essa população para evitar mais segregação, conforme as narrativas apresentadas pelos participantes da pesquisa.

“[...] consegue ver ali um romance homoafetivo de uma forma natural, de uma forma delicada, de uma forma carinhosa, a gente consegue ver ali a construção do romance vindo de uma forma assim genuína, isso com certeza vai proporcionar uma confiança maior e um entendimento maior sobre ele mesmo e sobre como se colocar no mundo da maneira como ele é, sobre quem ele é” (Participante 1 - Flora).

“[...] e quando a gente se descobre LGBT a gente procura formas também de todo dia reafirmar, não, eu sou. [...] Então, uma forma disso é eu ler esses mangás, esses animes e ver tipo, ah, sabe, o cotidiano delas é o mesmo que o meu e tá tudo bem” (Participante 2 - Sol).

Nas narrativas, percebeu-se que a literatura pode realmente favorecer processos de identificação, pertencimento e expressão. O artigo de Grazielle Tagliamento et al. (2020) demonstra que a mídia, por meio de youtubers, colabora para o apoio à liberdade de expressão das pessoas e comunidade LGBTQIA+, combatendo o conservadorismo que advoga em defesa da heterossexualidade compulsória, moduladas por valores morais cristãos. O estudo analisou vídeos que ficam na rede YouTube e sinalizou que vídeos voltados ao público LGBTQIA+ podem ser canais de acolhimento e favorecer a identificação, necessária aos jovens.

Na segunda categoria, *Literatura enquanto recurso de acolhimento na universidade*, viu-se que a literatura pode ser um recurso útil para o acolhimento na universidade do público LGBTQIA+, um público invisibilizado e que sofrem preconceitos numa sociedade heteronormativa.

Nas narrativas das participantes Flora e Elis viu-se que o acolhimento desta população é necessário. Em alguns espaços da universidade não há repressão da expressão do afeto, porém há a necessidade de maior conscientização de professores sobre gênero e sexualidade, pois os estudantes precisam sentir-se acolhidos para ter conforto, segurança e dignidade em sua formação.

“E a gente se identifica e tal, eu me sinto segura pra, por exemplo, beijar uma mulher ou fazer alguma coisa assim lá na UFAM, eu me sinto segura e eu, e eu consigo ver que outras pessoas também se sentem seguras porque elas fazem a mesma coisa” (Participante 1 - Flora).

“[...] faço parte do centro acadêmico, a gente recebe muito esse tipo de queixas, sabe? Queixas quanto a professores fazendo qualquer tipo de assédio, queixas quanto a não representatividade dentro da sala de aula, do tipo, os alunos perceberem que o conteúdo está muito datado, que não faz sentido, que o discurso do professor não está legal, e trazer isso pro centro acadêmico como um pedido, sabe, ‘Bom, o que vocês podem fazer a respeito disso?’ [...] Então, acho que tem tido um movimento, sabe? E é um movimento de representatividade que eu venho observando aqui na FAPSI (Participante 3 - Elis).

Cristine Jaques Ribeiro et al., (2019) escreveram sobre a necessidade para maior produção científica que possa contribuir para a elaboração de ações que combatam a discriminação dos estudantes LGBTQIA+ no artigo que tem como título: A Universidade e os Corpos Invisibilizados, demonstrando que embora a universidade seja um espaço democrático, ainda há a invisibilidade dos estudantes LGBTQIA+ e que são necessárias ações de formação de seus professores, técnicos e dos próprios estudantes para que não reproduzam estereótipos e discursos homofóbicos.

Cássio Péres Fernandes et al. (2020) discutem a importância das Políticas de Ações Afirmativas na Universidade Federal do Amazonas - UFAM e o Caminho (Não) Percorrido, trazendo uma reflexão importante sobre a necessidade de ações afirmativas que promovam os direitos humanos no ambiente universitário, e que essas ações devem ser ampliadas para além do uso do nome social, e encaminhar para o acolhimento da diversidade de gênero e sexualidade no âmbito da universidade.

Sobre a necessidade de acolhimento e saúde mental, Elder Cerqueira-Santos et al. (2020) trazem dados de sua pesquisa e eles apontaram piores indicadores de saúde mental para os estudantes não heterossexuais, requerendo maiores cuidados. Rodrigo Otávio Moretti-Pires et al. (2022) corroboram com os achados, pois também verificaram que as instituições de ensino reproduzem o “habitus” heterossexual, o que desencadeia violência simbólica contra pessoas com outras sexualidades.

Os achados da pesquisa e a literatura científica consultada apontam a necessidade de políticas educacionais que abordem a diversidade sexual e de gênero e que a produção científica volte seu olhar para o público LGBTQIA+ em diferentes perspectivas, como, saúde, educação, trabalho e oportunidades de desenvolvimento.

Ainda sobre a universidade, a participante Sol, narra sua experiência na universidade e as dificuldades enfrentadas, como assédio e a falta de informações sobre os direitos do público LGBTQIA+.

“aí ela pediu desculpa e ela falou que não era assim não, que tinha um comitê lá de diversidade, na UFAM, eles diziam que eu podia ter entrado em contato com eles pra tratar sobre isso e tal, eu falei ‘Mas eu não sabia, eu nem sabia que existia esse comitê, como é que eu vou querer buscar algo que eu não sei? Que a informação não é repassada?’. Tem um monte de bloco de painel na UFAM e as pessoas não, tem um monte de bloco da UFAM naqueles painel de aviso, mas tu não vê nada lá, nem vê instruções de como você mesmo, uma pessoa cis, como denunciar algum caso de assédio, imagina pessoas trans” (Participante 2 - Sol).

Deste modo, percebeu-se que a universidade precisa ampliar sua política de equidade de gênero, e divulgar as ações de acolhimento, bem-estar e garantia de direitos para o público LGBTQIA+, para que vivam e se desenvolvam, sem aniquilamento de sua identidade (CFP, 2019).

O artigo de Sandra Freitas et al. (2021), no estudo Sentidos atribuídos por jovens escolares, refletiu sobre os papéis das escolas como ambientes para uma educação em saúde e promoção de práticas e intervenções que contribuam para o bem-estar da população LGBTQIA+, e corrobora com os achados, uma vez que a universidade pode usar de sua autonomia para valorizar essa discussão e não reproduzir preconceitos e estigmas sociais.

A categoria demonstrou a necessidade de combate ao preconceito (CFP, 2019) e a necessidade de aprimoramento das políticas educacionais e ações da universidade para combater preconceitos, garantir direitos e a literatura pode ser um recurso utilizado no processo educativo.

Por fim, na terceira categoria, *Saúde mental no público leitor LGBTQIA+*, as narrativas demonstraram a importância da promoção de saúde mental para o público LGBTQIA+ e a literatura pode ser um recurso que auxilia os profissionais e jovens a construir um diálogo, como defende Amaral (2017) ao afirmar que os livros trazem definições e concepções sobre diversos temas e mediadores de realidades objetivas e subjetivas.

As participantes Flora, Sol e Elis narraram sobre adoecimento e demonstraram como os livros são mediadores para processos de saúde.

“Esse conforto. E aí quando a gente consegue ver nos livros é muito bonito eu fico um pouco emocionada também [...]” (Participante 1 - Flora).

“[...]eu tento me sentir forte, as pessoas vão olhar mas eu não tô nem aí e aí, quando eu vou lendo e tipo, vou vendo que as histórias dos protagonistas são parecidas com as minhas ou então as histórias são iguais eu fico tipo, cara isso aqui é tão normal como qualquer outra coisa”. (Participante 2 - Sol)

“Tipo, os livros eram um conforto. Tipo, principalmente livro LGBT” (Participante 3 - Elis).

As narrativas remeteram ao papel mediador da literatura como promotor de saúde e bem-estar. A saúde mental é conceituada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como “um estado de bem-estar vivido pelo indivíduo, que possibilita o desenvolvimento de suas habilidades pessoais para responder aos desafios da vida e contribuir com a comunidade” (Ministério da Saúde, 2024).

Leilane Camila Ferreira de Lima Francisco et al. (2020) e o livro Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs produzido pelo Conselho Federal de Psicologia (2019) apontam que o surgimento de sinais e sintomas de ansiedade estão relacionados com a vergonha e o comportamento evitativo da população LGBTQIA+, devido a discriminação e à falta de apoio social e familiar, o que pode desencadear sofrimento e angústia. Também o artigo de Tagliamento et al. (2021) concluiu que a maioria da população LGBTQIA+ está suscetível a sofrimentos e abalos na saúde mental, devido a vivência de preconceito e discriminação.

Atualmente, há o Estresse de Minorias, no qual o sofrimento psíquico é decorrente da relação entre preconceito (percebido, antecipado e internalizado) e saúde mental em pessoas pertencentes a grupos minoritários, como as pessoas com gênero e sexualidade diferentes dos padrões cisheteronormativos (Cerqueira-Santos, 2020; Ítala Chinazzo et al., 2021). Neste quadro de estresse, as minorias que não pertencem ao grupo que segue padrões cisheteronormativos é vítima de preconceitos, de ações que aviltam a dignidade humana, ocasionando estresse e transtornos mentais.

Diante dos achados da pesquisa notou-se que os estudantes LGBTQIA+ no espaço universitário estão suscetíveis a diversas vivências, àquelas que produzem processos identificatórios e com significados que valorizam a diversidade, contribuindo para que tenham saúde e se reconheçam como pessoas valorosas, assim como, situações que oprimem e favorecem o adoecimento relacionadas a situações de estresse e discriminação em razão de gênero e sexualidade que não atendem aos padrões cisheteronormativos. Incitando a necessidade de ações e políticas educativas que promovam saúde e bem-estar.

Considerações Finais

As categorias temáticas geradas a partir das entrevistas foram a primeira: Importância da literatura para o fortalecimento da identidade, a segunda, Literatura enquanto recurso de acolhimento na universidade, e a terceira Saúde mental no público leitor LGBTQIA+. Todas elas demonstram que a literatura se configura como um importante recurso de acolhimento ao estudante, e é um recurso que fortalece a identidade, podendo aproximar pessoas e promover a saúde mental.

Viu-se também que ao ingressar na universidade o jovem pode encontrar desafios para a sua permanência, como vivência de preconceitos em relação ao gênero e orientação sexual nas relações com pares e professores, entretanto a relação com pessoas mais velhas, como o corpo docente da universidade pode causar certo desconforto por falta de

conhecimento de alguns docentes sobre como tratar as pessoas que não atendem ao padrão cisheteronormativo. Porém, viu-se que muitos docentes tem procurado aprender e respeitar essas pessoas, pois a universidade é um espaço plural e que deve e pode promover mudanças de padrões sociais. Deste modo, o acolhimento ao estudante torna-se fundamental e pode favorecer a saúde mental para a superação dos desafios encontrados.

Os achados indicam que para o acolhimento, os profissionais da saúde e educação precisam em sua atuação profissional cuidado, sensibilidade e compreensão de como as vivências no contexto da universidade interferem (positiva e negativamente) nos processos de desenvolvimento e construção dos sujeitos. E para favorecer essa compreensão, a literatura pode ser um recurso de conhecimento, acolhimento e reconhecimento da diferença e da diversidade enquanto elemento potencializador de ricas experiências.

Esse estudo contribuiu para essa compreensão da literatura enquanto um recurso (artefato cultural) que pode ser utilizado como mediador de processos de identificação, acolhimento e promoção de saúde.

Os achados apontaram que em diferentes contextos de atuação profissional, em especial de psicólogas e psicólogos, o reconhecimento da diversidade sexual e de gênero é um compromisso ético, e ações de acolhimento são essenciais para combater preconceitos e discriminação. E a literatura pode ser um recurso didático para mediar as relações e promover psicoeducação.

Este estudo apresentou a limitação de pesquisar apenas um contexto educacional, de uma universidade pública, e para próximos estudos, sugere-se que outros contextos educacionais sejam pesquisados, como por exemplo, estudantes matriculados em instituições de ensino superior privadas, jovens do ensino médio e outros coletivos.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ALVES, Cândida Beatriz; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. A perspectiva Histórico-cultural: contribuições para o estudo da identidade. In: OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de; CHAGAS-FERREIRA, Jane Farias; MIETO, Gabriela Sousa de; BERALDO, Rossana. **Psicologia dos Processos de Desenvolvimento Humano**: Cultura e Educação. Campinas/SP: Editora Alínea, 2016, p. 13-32.

AMARAL, Caroline Amaral. **Literatura juvenil contemporânea LGBTI**: significados sobre identidade de gênero e sexuais. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2017. [0000011625.pdf](#) ([furg.br](#))

BARBATO, Silvine.; ALVES, Priscila Pires; OLIVEIRA, Valéria Marques de. Narrativas e dialogia em estudos qualitativos sobre a produção de Si. **Revista Valore**. Volta Redonda, vol. 5 (Edição Especial): p.22-36, 2020. <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/399>. Acesso em 2 fev. 2023.

BONOTO, Carolina. “Aqui Tem Gente Como Eu”: Subjetividade LGBT em Trajetórias Midiáticas. **Revista Tropos**, v. 10, n. 1, pp. 1-24, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4605>. Acesso em: 14 mar. 2023.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. **Resolução Nº 01/1999**. Disponível em: <<https://atosoficiais.com.br/cfp>> Acesso em 20 jul. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Acesso em 2 fev. 2023.

BRAUN, Virginia; CLARKE; Victória. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, vol. 3 n. 2, p.77-101, 2006. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 2 mar. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguilar. Processos e interatuação psicossocial. In: CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguilar; MEZZALIRA, Adinete Sousa Costa. **Processos psicossociais vol.2**: prática e reflexões sobre educação, saúde, ruralidades e política. São Paulo/Manaus: Alexa Cultural e EDUA, 2021, p. 27-48.

CERQUEIRA-SANTOS, Elder; AZEVEDO, Hanna Valença Pereira; RAMOS, Mozer de Miranda. Preconceito e Saúde Mental: Estresse de Minoria em Jovens Universitários. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 12, n. 2, p. 7-21, ago. 2020. ISSN 2175-5027. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/3523>. Acesso em: 15 fev. 2024.

CHINAZZO, Ítala Raymundo; LOBATO, Maria Inês Rodrigues; NARDI, Henrique Caetano; KOLLER, Silvia Helena.; SAADEH, Alexandre; COSTA, Angelo Brandelli. Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26 (supl 3), p. 5045–5056, 2021. <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.28532019>

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral. (2014). **Transexualidades** – um olhar multidisciplinar, Salvador, EDUFBA. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16265>. Acesso em 2 mar. 2023.

COLOMER, Tereza. **Nos caminhos da literatura**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. CFP. **Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs**. Brasília/DF : CFP, 2019.

DADICO, Luciana. Estudos críticos em Psicologia da leitura: Livro e experiência de ler. **Estudos de Psicologia**, v. 20, n. 4, pp. 196–206, Natal, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/hfNpx6WrNTPPhvGRpGr9XDR/?lang=pt#>. Acesso em: 10 fev. 2023.

FERNANDES, Cássio Péres; GONDIM, Felipe Gonzaga de Carvalho; CAVALCANTE, Lidiany de Lima; OLIVEIRA, Adriana Rosmaninho Caldeira de. Inclusão de LGBT'S nas Políticas de Ações Afirmativas das Universidades e o Caminho (Não) Percorrido Pela UFAM. **EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente**, v. 25, n. 2, pp. 377-400, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/7841>. Acesso em: 29 jan. 2024.

FRANCISCO, Leilane Camila Ferreira de Lima; BARROS, Alice Correia; PACHECO, Mariana da Silva; NARDI, Antonio Egídio, ALVES, Verônica de Medeiros. Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 69, n. 1, p. 48–56, jan. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/gwKpPNSBpdzvNbR6fCY5V7S/?lang=pt#>. Acesso em: 29 jan. 2024.

FREITAS, Sandra; BERMÚDEZ, Ximena Pamela Díaz; MÉRCHAN-HAMANN, Edgar. Sentidos atribuídos por jovens escolares LGBT à afetividade e à vivência da sexualidade. **Saúde e Sociedade**, v. 30, n. 2, p. e190351, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/3w9jBmwRyp7yzFNBy4cSpYv/?lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2024.

MALTA, Renata Barreto; FLEXOR, Carina Luísa Ochi; COSTA, Aianne Amado Nunes. Uma nova velha história: sobre censura e literatura LGBT+. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 61, e6110, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/3ygWC93Pp4SYskjTnzN8vvv/?lang=pt>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde de A a Z**. Saúde Mental. Governo Federal, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-mental#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o,e%20contribuir%20com%20a%20comunidade>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio.; VIEIRA, Marcelo; FINKLER, Mirelle. Violência simbólica na experiência de estudantes universitários LGBT. **Saúde e Sociedade**, v. 31, n. 4, p. e200662pt, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/PYLN3tMZ5Yk3SYGdx59NmQL/#>. Acesso em: 29 jan. 2024.

RESENDE, Gisele C; FERREIRA, Isabel Cristina Fernandes; SILVA, Iolete Ribeiro da; BARBATO, Silviane. Desafios para a permanência no ensino superior na Amazônia

e os significados de trajetórias estudantis **Psicologia, Educação e Cultura**, Vol. XXVI, Nº 3, dezembro de 2022. Disponível em:

<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/43538>. Acesso em 24 fev. 2023.

RIBEIRO, Cristine Jaques; MORAES, Camila de Freitas; KRUGER, Nino Rafael Medeiros. A Universidade e os Corpos Invisibilizados: Para Se Pensar O Corpo LGBT. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 357–372, 2019. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9305>. Acesso em: 29 jan. 2024.

SILVA, Iolete Ribeiro da; BARBATO, Silviane; URNAU, Lilian Caroline, ZIBETTI; Marli Lucia Tonatto; PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. **Os significados das trajetórias de escolarização de jovens estudantes Amazônidas**. Projeto de Pesquisa financiado pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia, Edital nº 21/2018. BRASIL/CAPES, 2018.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019.

Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 29 jan. 2023.

TAGLIAMENTO, Grazielle; SILVA, Saymon Souza Correa da; SILVA, Denise Barcelos da; MARQUES, Giovanna de Souza.; HASSON, Rebeca; SANTOS, Gabrielli Eduarda dos. Minha dor vem de você: uma análise das consequências da LGBTfobia na saúde mental de pessoas LGBTs. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 77–112, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/34558>. Acesso em: 15 fev. 2024.

VERÇOSA, Hewertton Ferreira. **A representatividade LGBT na literatura infantojuvenil contemporânea**. 2017. TCC (Graduação em Letras) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus.

<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/4230>. Acesso em 24 fev. 2023.

Agradecimentos:

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM pela bolsa de Iniciação Científica e pelo projeto “Itinerários e condições de desenvolvimento de jovens estudantes do ensino superior: desafios para a permanência”, do Edital HUMANITAS – CT&I FAPEAM.

À CAPES pelo apoio à Pós-Graduação e pela aprovação do projeto no Edital PROCAD-Amazônia 2018 apoiado no projeto “Os Significados das Trajetórias de Escolarização de Jovens Estudantes Amazônidas”.

Recebido em maio de 2024.

Aprovado em agosto de 2024.